ARTES E SABERES: PARA SUPERAR O RACISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ARTS AND KNOWLEDGE: TO OVERCOME RACISM IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Bianca Cristina da Silva Trindade¹

“A arte coloca crianças e adolescentes em contato com suas emoções e também trabalha o lado racional” (Ana Mae Barbosa).

RESUMO: O presente artigo foi elaborado para a Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura, da Faculdade de Tecnologia de Bauru, e tem como objetivo discutir sobre o racismo na infância. Com base na Lei nº 10.639 / 2003, que torna obrigatório, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, como parte do currículo escolar. Utilizando o desenho infantil, o autorretrato, como fonte de expressão, sentimento e construção de identidades. Neste estudo pensamos nas seguintes questões: O que as crianças falam sobre a Escola da Primeira Infância? O que eles dizem e têm a dizer sobre o racismo? Por que a igualdade racial é um desafio para os sistemas de educação? Como as Artes Visuais podem ajudar nesse processo? Para responder a essas questões, nos ancoramos em referenciais teóricos, em pesquisadores como Munanga (2005), Cavalleiro (1998), Nunes (2015), Noguera (2018) Sarmiento (e outros. Esta pesquisa destaca nossa visão da criança como um social ator, uma vez que seu fala é desejável e indispensável nesse estudo.

Palavras-chave: Arte. Racismo. Educação Infantil.

¹ Doutoranda em Educação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. biaartes@yahoo.com.br

ABSTRACT: This article was prepared for the Journal of Humanities, Technology and Culture, from the Faculty of Technology of Bauru, and aims to discuss racism in childhood. Based on Law nº 10.639 / 2003, which makes the teaching of Afro-Brazilian History and Culture mandatory in primary and secondary schools, both official and private, as part of the school curriculum. using children's drawing, self-portrait, as source of expression, feeling and construction of identities. In this study we thought about the following questions: What do children say about Escola da Primeira Infância? What do they say and have to say about racism? Why is racial equality a challenge for education systems? How can Visual Arts help in this process? To answer these questions, we anchored ourselves in theoretical references, in researchers such as Munanga (2005), Cavalleiro (1998), Nunes (2015), Noguera (2018) Sarmento (and others. This research highlights our view of the child as a social actor , since his speech is desirable and indispensable in this study.

Keywords: Art. Racism. Child education.

MINHAS PRIMEIRAS PALAVRAS

Este artigo resulta de um trabalho acadêmico e foi escrito como uma contribuição para essa revista. É importante ressaltar que esta proposta esbarra no desafio de escrever sobre minha experiência de pesquisa com crianças pequenas, na educação infantil. Pela vontade contagiante de educar para as relações raciais na Educação Infantil, pensando na importância da Arte como instrumento de desconstrução do racismo. Pensando o papel da disciplina de Artes Visuais, que exerce dentro do cenário educacional, como recurso pedagógico a ser utilizado e na construção da Identidade da criança na Educação Infantil, em especial as crianças negras. Refletir sobre a problemática racial na escola, bem como vivenciar a arte e entrelaçar propostas de ensino, são ações permitidas neste trabalho. Articulando saberes em Artes Visuais, Sociologia da Infância e Filosofias da infância, entre outras áreas do conhecimento como modos de linguagens e expressão dos saberes infantis sobre a diversidade étnico-racial na infância escolar.

Este artigo intitulado “PENSANDO COM ARTE: Para superar o racismo na educação infantil.” emerge das possibilidades de educar pensando na pedagogia da diversidade, para isso escrevo alguns relatos desta pesquisa com crianças pequenas (4 anos), da educação infantil, por meio do desafio de pesquisar o racismo infantil. É importante destacar que este trabalho surge do resultado de um percurso de investigação, estudos realizados para a pesquisa do Mestrado em Educação, no âmbito de um Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDuc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Estudos realizados em parceria com o grupo Afrosin (UFRRJ) - Grupo Afroperspectivo de Pesquisa, Conhecimento e Intersecções - Afrosin, Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenados pelo professor Dr. Renato Noguera, e sediados no Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ). O Afrosin possui duas linhas de pesquisa: 1ª) Afroperspectivas filosóficas; 2ª) Infância, Educação, Arte, Natureza, Relações Étnico-

raciais e de Gênero. É no contexto desta segunda que se inclui a pesquisa com crianças.

Nossos investimentos intelectuais apoiam-se nas demandas dos estudos da infância, aqui especificamente na Educação Infantil, ao lado da temática das relações étnico-raciais associadas ao ensino de Artes Visuais. As crianças envolvidas na pesquisa são alunos de uma escola pública, localizada especificamente na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, nossa intenção com a pesquisa de campo ainda em fase preliminar, seria verificar a existência de racismo na educação infantil, a partir do diálogo com as Artes Visuais, o estudo se dedica a promover os encontros de crianças pequenas com Arte, na escola infantil. Depois, tento uma narrativa contínua, procuro conhecer as crianças.

Segundo SARMENTO (2017, p. 22), ouvir crianças em pesquisas científicas é uma forma de compreender como suas percepções podem refletir as representações sociais e da própria realidade social: elas projetam imagens e formas conceituais nela.

Oportunidade de construção de significados; priorizar a seleção didática que favoreça a diversidade racial, o diálogo e o levantamento de hipóteses inerentes à pesquisa. A proposta pedagógica tem como base a Lei de Bases e Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394 / 96, e na visão de uma formação que visa ao desenvolvimento integral do aluno. Ensinar para uma aprendizagem significativa é contextualizar a criança no seu grupo social e cultural, dando-lhe uma inserção como agente transformador da realidade.

Segundo Stuart Hall, (2005 apud Campos-Lima 2010, p178), identidade é algo que se constrói, ao longo do tempo, de forma inconsciente e não inata existindo na consciência do momento em que nasce. Concordamos que a escola desempenha um papel fundamental, por ser um espaço de transformação e produção de conhecimento, e por ser uma das principais instituições responsáveis pela formação do sujeito, possibilitando-lhe (re) construir valores e condutas na afirmação de identidades. A experiência com diferentes origens socioculturais, religiões, etnias, costumes e hábitos, permite que a criança pequena na escola, se conheça, se diferencie e reflita sobre sua condição social no mundo.

Partindo desses princípios, repensar a escola e descolonizar os currículos. Como arte-educadora pensamos em ferramentas artísticas, afinal a Arte está em toda parte, e presente em todos os momentos da nossa vida, as possibilidades são importantes nesses movimentos de resistência.

Este trabalho tem como objetivo pensar a criança pequena, a importância de “ouvir sua voz” e suas necessidades educacionais, valorizando a identidade étnica do povo brasileiro, ensinando-o a conviver com as diferenças, a abolir atitudes preconceituosas e racistas no meio ambiente. educacional. Pensar na participação da criança na educação infantil é fundamental para este estudo.

Artes Visuais na Infância

A Arte é produtora de conhecimento, geradoras de tensões para fomentar criações, questionamentos, críticas e consciência política. Pensando sob a luz teórica da pesquisadora Ana Mae Barbosa, e no processo de ensino e aprendizagem em arte, essa desenvolveu a “Proposta Triangular”, em 1987, que se constitui de três campos conceituais da arte: o fazer artístico, a História da Arte e a leitura de obras; "O que a

arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor e decodificador da obra de arte (...).

A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação (...)" (BARBOSA,1991, p. 10). Desse modo, pensamos além do conhecimento artístico e estético, pensamos na importância da arte, em atividades criativas que permitam a criança poetizar, fruir e conhecer a arte. Fazendo Artes! Vivenciando às experiências infantis e expressando o seu potencial, seus conhecimentos e habilidades e possam construir a sua identidade. Através da Arte o aluno desenvolve-se.

A educação artística promove o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza uma forma particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dela, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve basicamente fazer trabalhos artísticos, apreciando-os e refletindo sobre eles. Envolve também conhecer, valorizar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de diferentes culturas e épocas. (BRASIL, 2014, p.15)

Pensar a Arte na infância é muito relevante, nesta época é sobre descobertas, percepções e muita imaginação. A criança constrói e reconstrói suas histórias, aventuras e muita magia fazem parte do seu dia-a-dia na escola. Conforme a epígrafe acima, "a arte promove o desenvolvimento do pensamento artístico". Vemos que é na educação infantil que as crianças terão suas primeiras experiências com linguagens artísticas, criando, fazendo gestos, cantando canções, desenhando, pintando etc. Cabe ao professor utilizar tudo o que a criança traz para a sala de aula e explore este conhecimento. .

Concordamos com Rosa Iavelberg (2008) que,

Na Arte, na escola, o aluno terá a oportunidade de construir sua carreira de criação, suas hipóteses sobre a arte como objeto de conhecimento e sua visão contextualizada sobre o valor da arte na sociedade e na vida dos indivíduos, por meio de diretrizes didáticas que dialogam seus saberes com os da produção da área (Iavelberg, 2008, p.1431).

É importante destacar que o ensino de Arte na Infância vem passando por mudanças significativas e muito relevantes, penso assim, pois percebo na minha trajetória como Professora de Artes Visuais, que a disciplina tem fortalecido as práticas pedagógicas atuais. e atualmente, finalmente, ganhando espaço nas escolas de educação infantil.

Atualmente, a partir da Lei nº 12.796, a Educação Infantil passa a fazer parte da Educação Básica, torna-se obrigatória e gratuita a partir dos 04 (quatro) anos de idade. De acordo com art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, visa ao desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos de idade, nos seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade. "Assim, vemos que hoje a Arte na Educação Infantil é de extrema importância, pois favorece esse diálogo com o mundo.

Contribuir também para a redução das desigualdades entre negros e brancos na

escola e com os educadores da Educação Infantil, repensando as concepções metodológicas sobre arte, práticas e possibilidades de novas linguagens e técnicas na Educação Infantil. Desde a obrigatoriedade da disciplina de Arte nos Currículos da Educação em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases, a discussão curricular tem se tornado uma constante sobre o ensino das Artes. O que ensinar? E como ensinar, crianças pequenas? Atualmente, vemos isso com a Lei nº 13.278 / 2016. Inclui obrigatoriamente a disciplina de artes na Educação Básica brasileira, contemplando assim a Educação Infantil. Estabelecer um diálogo entre as crianças e o mundo por meio da arte, torna-se um desafio para os educadores da educação infantil.

Usando o autorretrato na educação infantil para a superação do racismo

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. Está profundamente marcado pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. (BRASIL, 1998, p. 21)

A epígrafe acima descrita pertence ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil RCNEI (1998, p. 21), acrescenta ele, que a criança é um sujeito social e histórico. Portanto, ao levarmos as vozes a essas crianças, apresentaremos diversos atores sociais pertencentes a essas escolas, “pequenos” sujeitos sociais e históricos, que nos ajudaram a refletir sobre a infância e a educação. Segundo o filósofo Nogueira (2009), para que a cidade seja justa, é preciso educar a todos desde a infância. O que nos faz refletir sobre o significado de ser criança, na filosofia da infância e nas possibilidades de ensino para as crianças, pois contribui para o desenvolvimento do pensamento e reflete sobre suas opiniões. Repensando racismo, preconceitos e atitudes discriminatórias na educação infantil. Nessa perspectiva, utilizamos diversos autores como contribuições teóricas, que nos auxiliaram na construção de conhecimentos e conhecimentos para a desconstrução do racismo.

Partimos do encontro com Cavalleiro, que revela em sua pesquisa a existência de racismo e preconceitos contra as crianças. Concordamos com Eliane Cavalleiro (2003), “não há como negar que o preconceito e a discriminação são um problema que atinge em maior grau as crianças negras, uma vez que sofrem, direta e diariamente, maus-tratos, agressões e injustiças, que afetam sua infância e compromissos. seu desenvolvimento.”

Pensando nisso, como proposta metodológica para esta pesquisa de campo, a atividade artística proposta com crianças pequenas é o autorretrato. Meu interesse era perceber, ou tentar entender as maneiras como as crianças se veem e se desenham racialmente, então pedi que se observassem no espelho e se desenhassem do jeito que são. Acredito ser importantes contribuições para o estudo, os desenhos, e as impressões de cada um sobre você e sua etnia e raça.

De acordo com CANTON (1962),

“O autorretrato é a afirmação do artista na sua condição única de criador da sua própria imagem. O artista coloca seus pincéis em testemunho de seu próprio conhecimento. A criação do autorretrato aproxima o artista de Deus. Nesse encontro consigo mesmo, cujo mediador é apenas o espelho, o artista desvela seu dom de recriar o mundo. Incitando um mergulho em si mesmo e depois projetando. É uma constante reinvenção”.

O autorretrato reafirma a existência do sujeito, ao construir sua própria imagem, o artista, ao se retratar, encontra-se consigo mesmo. Nossa leitura é tomar o autorretrato como estratégia para conhecer as crianças, o que elas pensam sobre a realidade, suas ações e atitudes, sua visão da realidade e do mundo, suas relações socioculturais. Nosso olhar como arte-educadora e pesquisadora voltou-se inteiramente para descobrir se as crianças de 04 anos conseguiam fazer as identificações étnico-raciais.

Figura 1 – E. I. 41 (4 anos) - Desenho de Arthur (30/05/2018)

Fonte: Arquivo pessoal

A autoidentificação (ABOUD, 1987) é um dos primeiros passos para pensar a questão da identidade. A identificação com um grupo étnico e / ou racial envolve a percepção de que uma pessoa possui alguns atributos fenotípicos e / ou culturais, como cor da pele, tipo de cabelo, religiosidade, idioma, sotaque etc. É diante desse complexo que estabelece identificações de um sujeito que as bases das identidades são postuladas.

Para esta atividade, foi utilizado um grande espelho que estava na sala, no qual cada criança pode ser vista e percebida também pelos seus pares. Foi uma experiência

muito especial, um momento rico, esse encontro com o espelho, como pesquisadora eu percebo isso a partir daquele momento porque a autonomia das crianças funcionou, através da apreciação e dos sentimentos. Quando me olho no espelho, percebo que eles surpreenderam. Deixo abaixo um desses momentos registrados no diário de campo.

A autoidentificação (ABOUD, 1987) é um dos primeiros passos para pensar a questão da identidade. A identificação com um grupo étnico e / ou racial envolve a percepção de que uma pessoa possui alguns atributos fenotípicos e / ou culturais, como cor da pele, tipo de cabelo, religiosidade, idioma, sotaque etc. É diante desse complexo que estabelece identificações de um sujeito que as bases das identidades são postuladas.

Para esta atividade, foi utilizado um grande espelho que estava na sala, no qual cada criança pode ser vista e percebida também pelos seus pares. Foi uma experiência muito especial, um momento rico, esse encontro com o espelho, como pesquisadora eu percebo isso a partir daquele momento porque a autonomia das crianças funcionou, através da apreciação e dos sentimentos. Quando me olho no espelho, percebo que eles surpreenderam. Deixo abaixo um desses momentos registrados no diário de campo.

“Mateus gritou: Olha aí, garotão!

Maria disse: Meu cabelo é preto. O seu é o marrom Mateus.

Tia, sou negra como meu pai, sou bonita!”

(Sala de aula - 30/05/2018)

Este diálogo retrata esses encontros. Na esperança de promover uma atividade pedagógica, visando a formação de professores, pensando na infância, valorizando as diferenças, a representação do corpo e de si mesmo através do espelho, para a produção de obras artísticas. O autorretrato auxilia na construção da identidade. Logo depois que as crianças viram suas imagens refletidas no espelho, orientei-as a se sentarem e, se desenharem, a transpor as impressões de si mesma para o papel.

Segundo análises feitas por Maria Aparecida Bento, em uma incursão pelos estudos sobre a identidade das crianças negras, contém alguns elementos básicos que aqui resumimos em dois depoimentos.

Em segundo lugar, Bento (2012)

1º) as crianças desde cedo percebem as diferenças raciais, as formas como cada grupo é valorizado, interpretando a diversidade de forma hierárquica e a favor da branquitude como norma; 2º) as crianças brancas costumam se sentir à vontade com sua identidade étnico-racial, enquanto as crianças negras declaram situações de desconforto mais constantes e muitas vezes no contexto escolar não enfrentam de forma que constitua situações de racismo e discriminação racial (Bento, 2012, p. 101).

As relações raciais no cotidiano escolar devem ser trabalhadas, principalmente na educação infantil, onde se relacionam e são percebidas o tempo todo. Por isso, para o educador seria importante aproveitar essas relações estabelecidas em sala de aula,

entre crianças negras e não negras, com práticas pedagógicas que evidenciem autoconhecimento, valorização da raça e um bom relacionamento entre elas.

Figura 2 - Autorretrato do Guilherme (4 anos)

Fonte: Arquivo pessoal

O autorretrato abaixo é do Guilherme, um menino negro. Guilherme se surpreende ao escolher um lápis de cor no tom de sua pele para pintar sua imagem no porta retrato.

Para ajudar as crianças, lápis de cor foram colocados sobre a mesa.

***Davi (4 anos): _ Tia Bianca, acabou! _ Pinteí minha cor._
E você Guilherme, ainda não terminou?***

Guilherme (4 anos): _ Tia! Não tem lápis aqui da minha cor. (...) olhei para o pote de lápis de cor, e disse, para ele pegar o lápis de outra mesa. Sem demora, foi até a mesa dos colegas, pegou a cor marrom e alegre da vida, fez seu desenho e pintou. (Diário de campo, 30/05/2018).

No relato acima, percebemos que existem diferenças raciais, principalmente nos diálogos com crianças. Por isso, precisamos criar espaços para trabalhar essas relações nas escolas de educação infantil, para a autoafirmação das crianças e a descoberta de seu pertencimento racial.

CONCLUSÃO

Este estudo surge como uma possibilidade de contribuir para a compreensão da Arte, enquanto linguagem, instrumento necessário à comunicação, favorecer o desenvolvimento da linguagem artística na infância, enunciar racismo e preconceitos, são momentos permitidos neste trabalho. A metodologia utilizada foram os desenhos das crianças, seu autorretrato, a fim de verificar como elas se percebem e se entendem racialmente. Segundo Cardoso (1992), “a questão racial brasileira pode, talvez, levá-las a desenvolver uma postura crítica diante dos instrumentos pedagógicos que vêm utilizando de forma tão passiva” (Cardoso, 1992, p. 59). Abordo a importância deste estudo em prol da construção identitária das crianças nas escolas, privilegiando o ensino das Artes Visuais como possibilidade de ensino sobre as relações étnico-raciais. Pensando na educação infantil e na criança como sujeito social, penso em enriquecer a discussão e refletir sobre a cidadania infantil. É preciso questionar a existência de desigualdades raciais na educação infantil, e reconhecer a existência do racismo e seus males na educação de nossos filhos, pois com apelidos pejorativos, e convivendo com estereótipos, negativas do negro e a marginalização da sua cultura, são chamados de preconceitos praticados no cotidiano escolar, tais problemas podem reforçar a exclusão das crianças negras. Nesse sentido, penso nas possibilidades de utilizar como Artes Visuais para superação do racismo. Para a construção de um currículo antirracista, pensando numa escola que valoriza a vida, a história e a cultura de cada criança.

REFERÊNCIAS

ABOUD, F. E. (1987). **O desenvolvimento de auto-identificação e atitudes étnicas.** Em J. S. Phinney & M. J. Rotheram (Eds.), *Socialização étnica infantil: Pluralismo e desenvolvimento* (pp. 33-35). Londres: Sage Publications.

BARBOSA, Ana Mae. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*, 7ed. São Paulo. Editora Cortez, 2011.

BENTO, Maria Aparecida Silva; **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: políticos, jurídicos, conceituais** / Maria Aparecida Silva Bento, organizadora. - São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BOAVENTURA, S. S. Meneses, M.P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. - Brasília: MEC / SECADI, UFSCar, 2014. (p.15)

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte /** Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC / SEF, 1997. 130p.

CAVALLEIRO, Eliane. **Fazer silêncio do lar, ao silêncio da escola.** Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

HALL, Stuart. **A Identidade cultura na Pós-modernidade.** In - Por dentro da Educação Infantil - A criança em foco. Rio de Janeiro. Ed. Wak- 2010.

MORIN, E. **Ciência com Consciência.** Ed. Publicações Europa-América, Lda, Portugal: 2005.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global / Ação Educativa, 2006.

NOGUERA, Renato. Sobre Afroperspectivismo. ENTREVISTA. **Revista Ensaios Filosóficos.** Volume X, dezembro de 2014

_____. "Kiriku: heterônimo da infância como experiência e experiência da infância. **Anais do Congresso de Estudos da Infância:** Diálogos Contemporâneos, Rio de Janeiro: Uerj, 2017b, pp. 363-370.

NOGUERA, Renato - 2017 - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes** - UNIGRANRIO- ENTRE A LINHA E A RODA: INFÂNCIA E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

ROSEMBERG, Fulvia - **Educação infantil, igualdade racial e diversidade:** aspectos políticos, jurídicos, conceituais / Maria Aparecida Silva Bento, organizadora. - São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. ISBN 978-85-64702-04-2 Cap. 1 A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. (p.19).

TRINDADE, B .; NOGUERA, R. **As Crianças e as Artes Visuais:** O Autorretrato e a Identidade Racial na Educação - Capítulo: 4 Atena Editora, (Janeiro, 2019). - (Cultura, cidadania e políticas públicas - v.2)